

AS FORMIGAS

I

Chegámos hoje de manhã e não fomos bem recebidos, porque não havia ninguém na praia a não ser montes de tipos mortos ou montes de pedaços de tipos, de tanques e de camiões destruídos. Surgiam balas um pouco por todo o lado e uma desordem destas não me dá gozo nenhum. Saltámos para a água, mas era mais profunda do que parecia e escorreguei numa lata de conservas. O rapaz que estava mesmo atrás de mim ficou com três quartos da cara arrancados por uma bala e eu guardei a lata de conservas como recordação. Meti os bocados da cara dele no meu capacete e entreguei-lhos. Ele foi à procura de quem o tratasse, mas parece ter tomado pelo caminho errado porque entrou na água até ficar sem pé e não creio que veja o suficiente lá no fundo para não se perder.

Corri depois na direcção certa e cheguei mesmo a tempo de levar com uma perna em cheio na cara. Tentei descompor o tipo, mas a mina não tinha deixado senão bocados dele com que não era fácil lidar, por isso ignorei-lhe o gesto e continuei.

Dez metros mais à frente, juntei-me a três outros rapazes que estavam atrás de um bloco de cimento e que

disparavam contra a esquina da parede, mais acima. Estavam a suar e escorriam água e eu devia estar igual a eles, então pus-me de joelhos e disparei também. O tenente regressou, agarrava a cabeça com as duas mãos e da boca escorria-lhe vermelho. Não tinha um ar nada satisfeito e estendeu-se rapidamente na areia, com a boca aberta e os braços para a frente. Com certeza deixou a areia toda suja. Era um dos poucos sítios que ainda se mantinham limpos.

Visto dali, o nosso barco encalhado tinha primeiro um ar completamente idiota e depois já não tinha sequer ar de barco nenhum quando as duas granadas lhe caíram em cima. Não gostei nada daquilo porque ainda lá tinha dois amigos dentro, com as balas que os tinham atingido quando se levantaram para saltar. Dei uma pancadinha no ombro dos três que estavam a disparar comigo e disse-lhes: «Vá, vamos embora.» Bem entendido, mandei-os ir à frente e tive faro porque o primeiro e o segundo foram abatidos pelos outros dois que atiravam sobre nós. Ficou apenas um à minha frente, coitado, não estava em maré de sorte, assim que se livrou do pior dos dois, o outro ainda teve tempo de o matar antes que eu pudesse dar conta dele.

Estes dois filhos da mãe, para lá da esquina, tinham uma metralhadora e montes de cartuchos. Orientei a metralhadora na outra direcção e puxei o gatilho, mas parei logo porque me dava cabo dos ouvidos e, além disso, tinha-se encravado. Elas devem estar reguladas de modo a não dispararem no sentido contrário.

Ali, eu estava mais ou menos sossegado. Do cimo da praia, podia-se gozar a vista. No mar, havia fumo por todo o lado e a água esguichava muito alto. Via-se também os clarões das salvas dos grandes couraçados e as suas granadas passavam por cima da cabeça com um curioso ruído abafado como um cilindro de som grave que fosse perfurado no ar.

O capitão chegou. Já só tínhamos ficado onze. Disse que não éramos muitos mas que a gente se desenrascava. Mais tarde vieram os outros. Para começar, mandou-nos abrir buracos; era para dormir, pensava eu, mas não, foi preciso metermo-nos lá dentro e continuar a disparar.

Felizmente, tudo ficou mais claro. Desembarcavam agora dos barcos grandes fornadas, mas os peixes metiam-se-lhes entre as pernas para se vingarem do rebuliço e a maior parte dos homens caía na água e levantava-se arquejando como louca. Alguns não se levantavam e afastavam-se a flutuar com as ondas e o capitão disse-nos logo para neutralizar o ninho de metralhadoras, que começara outra vez a disparar, avançando na retaguarda do tanque.

Fomo-nos pôr atrás do tanque. Eu fiquei para último porque não me fio muito nos travões destas máquinas. Ainda assim, é mais cómodo marchar na retaguarda de um tanque visto que não temos que nos emaranhar no arame farpado e que as estacas caem por elas próprias. Mas não gostava da maneira como ele esmagava os cadáveres com uma espécie de ruído de que é difícil lembramo-nos — no momento, é bastante característico. Ao cabo de três minutos passou sobre uma mina e começou a arder. Dois dos tipos não foram capazes de sair e o terceiro conseguiu, mas um dos pés dele ficou no tanque e não sei se ele chegou a dar por isso antes de morrer. Enfim, duas das granadas tinham já caído sobre o ninho de metralhadoras dando cabo dos ovos, bem como das criaturas. Os que ainda estavam a desembarcar encontraram as coisas um bocado melhores, mas de súbito uma bateria antitanque pôs-se por sua vez a cuspir e pelo menos uns vinte tombaram na água. Eu deitei-me ao comprido. Do sítio onde estava via-os a disparar se me inclinasse um pouco. A carcaça do tanque que estava em chamas protegia-me alguma coisa e

fiz pontaria com cuidado. O sujeito caiu, contorcendo-se muito. Eu devia ter apontado um pouco mais abaixo, mas não consegui acabar com ele, tinha primeiro que dar cabo dos outros três. Não foi nada fácil, felizmente o ruído do tanque a arder impediu-me de os ouvir berrar — também tinha feito mal o serviço com o terceiro. Além disso, continuava tudo a explodir e a deitar fumo por todos os lados. Pus-me a esfregar os olhos um bom bocado para ver melhor porque o suor me impedia a visão e o capitão voltou. Só conseguia servir-se do braço esquerdo. «Pode ligar-me o braço direito bem apertado à volta do corpo?» Disse que sim e comecei a enrolá-lo com as ligaduras e a seguir ele levantou os dois pés do chão ao mesmo tempo e caiu para cima de mim porque uma granada tinha vindo parar mesmo atrás dele. Ficou hirto naquele mesmo instante, parece que isto acontece ao morrer-se quando se está muito cansado, em todo o caso era mais prático para o tirar de cima de mim. E depois devo ter adormecido e quando acordei o barulho vinha de mais longe e um daqueles tipos com as cruces vermelhas à volta do capacete servia-me café.

II

Depois, partimos para o interior e tentámos pôr em prática os conselhos dos instrutores e as coisas que aprendemos nas manobras. O *jeep* do Mike voltou há bocado. Era o Fred que conduzia e o Mike estava feito em dois; com o Mike, tinham ido de encontro a um arame. Estamos a equipar as outras carripanas com uma chapa de aço à frente porque faz calor demais para conduzir com o pára-brisas levantado. Há disparos ainda por todo o lado e faz-se patrulha atrás de patrulha. Creio que avançámos um pouco mais depressa do

que devíamos e tivemos dificuldade em manter o contacto com o reabastecimento. Destruíram-nos pelo menos nove blindados esta manhã e aconteceu uma história curiosa, a bazuca dum gajo arrancou com o foguete e ficou agarrada a ele pela bandoleira, na parte de trás. Ele esperou até estar a quarenta metros e desceu em pára-quedas. Penso que vamos ser obrigados a pedir reforço porque acabo de ouvir um grande barulho como o de uma tesoura de podar. Devem ter-nos cortado a retaguarda...

III

... Faz-me lembrar há seis meses quando nos tinham acabado de cortar a retaguarda. Neste momento devemos estar completamente cercados, mas já não é Verão. Felizmente ficámos com comida e temos munições. É preciso revezarmo-nos de duas em duas horas para montar a guarda, o que se torna cansativo. Os outros pegam nos uniformes dos nossos quando os capturam, põem-se a vestir-se igual a nós e temos de estar alerta. Com isto tudo, já não temos luz eléctrica e apanhamos com granadas na cara vindas dos quatro lados ao mesmo tempo. Por agora, esforçamo-nos por retomar o contacto com a retaguarda; precisamos que nos enviem aviões e começam a faltar-nos cigarros. Há muito barulho no exterior, deve estar a preparar-se qualquer coisa, nem tempo temos para tirar o capacete.

IV

Estava mesmo a preparar-se qualquer coisa. Quatro blindados chegaram quase até aqui. Vi o primeiro ao sair, parou de imediato. Uma granada tinha dado cabo